

A Deus pela beleza: fundamentos de uma teologia da experiência estética

To God through beauty:
foundations of a theology of aesthetic experience

MARCOS ANTÔNIO DIAS*

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma interseção possível entre arte e mistagogia, estética e espiritualidade. Apropriando-nos de alguns aspectos da teoria do efeito estético, visamos à proposição das obras de arte como linguagens do belo, capazes de afetar positivamente o homem na medida em que mobilizam sua energia criativa e o conduzem à ressignificação de sua presença no mundo. Com efeito, apontamos ainda alguns aspectos fundamentais de uma teologia da experiência estética que considere o mistério da encarnação como evento fundamental da beleza e integre em seu discurso a produção artística e sua contemplação como caminhos perfeitamente realizáveis de uma experiência mística.

Palavras-chave: Arte. Mistagogia. Estética. Beleza. Espiritualidade.

Abstract: This article aims to present a possible intersection between art and mystagogy, aesthetics and spirituality. Taking advantage of some aspects of the theory of aesthetic effect, we aim at the proposition of works of art as languages of the beautiful, capable of positively affecting man insofar as they mobilize his creative energy and lead him to the re-signification of his presence in the world. In fact, we also point out some fundamental aspects of a theology of aesthetic experience that considers the mystery of the incarnation as a fundamental event of beauty and integrates in its speech the artistic production and its contemplation as perfectly realizable paths of a mystical experience.

Keywords: Art. Mystagogy. Aesthetics. Beauty. Spirituality.

* Pe. Marcos Antônio Dias é mestre em Filosofia pela Faculdade de São Bento de São Paulo. E-mail: m.a_dias@yahoo.com.br

Introdução

Quando falamos de estética como disciplina filosófica, de modo geral, pensamos muito concretamente na reflexão que se ocupa em investigar a natureza do belo, os fundamentos da Arte e os processos pelos quais a beleza se faz presente no mundo e se deixa apreender pelos indivíduos através de vivências que possibilitam uma experiência estética, normalmente capaz de ressignificar a experiência humana.

O belo, sob muitas formas, mostra-se à consciência e igualmente, sob muitas formas, é apreendido por ela, mas há algo de universal nesta apreensão da beleza, algo como uma disposição humana em acolher, sintetizar e integrar à própria experiência os resultados deste contato com o belo. Não há quem rejeite a beleza e mesmo quem pensa rejeitá-la outra coisa não faz senão procurar novos padrões estéticos, o que, em última análise, é também buscar diversamente a mesma beleza. É neste sentido que podemos afirmar que a experiência estética está radicalmente integrada à experiência humana.

Ora, pela experiência estética, também ela um evento, os outros eventos humanos e o próprio mundo tornam-se um símbolo capaz de despertar continuamente novos significados que fundam sentidos e intensificam relações. E é exatamente aqui que a linguagem do belo e a espiritualidade encontram pontos de intersecção, sobretudo quando as observarmos a partir dos efeitos que desencadeiam, isto é, da experiência que possibilitam.

Amparados na teoria do efeito estético, entendemos que existe sempre uma relação dialética entre uma obra e um receptor. É verdade que a teoria do efeito se ateve ao campo dos estudos literários, mas é possível compreender que não apenas o texto escrito seja uma narrativa, mas toda obra de arte e mesmo o mundo, com seus eventos, são narrativas. Assim, o mundo, a arte e o próprio homem podem ser experimentados como um evento estético, este é resultado da concretização que se dá a partir das imagens que as narrativas despertam, das vivências que elas ampliam e das atualizações que provocam.

Quando aquilo que designamos por estético foge do rigor conceitual, o próprio conceito se abre e transcende os padrões de referência, ganhando uma capacidade funcional. Por isso, o efeito estético não se fixa em padrões pré-existentes, mas é abertura e possibilidade de atualizações diversas, daí a sensação tão recorrente de podermos viver uma outra vida, quando estamos em contato com diferentes narrativas. Segundo demonstrou Iser (1999, p. 43), esse processo

se verifica no ato da leitura, capaz de descortinar infinitas possibilidades de realização, mas não resta dúvida de que o mesmo processo de concretização da obra de arte também se verifica no contato com outras linguagens artísticas. Enunciar, pois, uma conjunção entre arte e espiritualidade como um saber que permita aprofundar a relação entre linguagem estética e experiência mística não é, de modo algum, descabido. Profundamente consoladoras, arte e espiritualidade parecem vir de um mesmo anseio por transcendência e ressignificação da realidade. A experiência estética é sem dúvida um dos caminhos que nos permitem penetrar no véu espesso do mistério do mundo, do homem e de Deus e, uma tal experiência pode perfeitamente se realizar no contato com a beleza, ela também transformada num caminho para o mistério.

1. As linguagens da beleza

As reflexões mais eloquentes sobre a beleza estão, ainda hoje, de modo geral mais ligadas à produção artística. No entanto, a maneira como essa reflexão começou no pensamento grego soa, hoje, quase constringedora. Platão dedicou-lhe uma célebre passagem de “*A República*”. Mas o filósofo tinha dado à questão da arte um tratamento que não pode ser entendido senão dentro de um esquema previamente definido. Naturalmente, Platão não era um homem rude, mas a questão fundamental estava na necessidade de se opor à imitação própria das manifestações artísticas, esta “*mimesis*” poderia turvar a razão. Por isso, segundo Platão, a arte como cópia da cópia é três vezes afastada do ser e nociva ao homem. O problema está no fato de que o discurso filosófico platônico, calcado na prevalência do mundo das ideias, pensou a arte apenas como imitação e, portanto, aparência, nunca realidade. Assim, conforme Platão (2006, p. 319), toda forma de arte desenvolveria suas obras longe da verdade. No entanto, as estéticas contemporâneas – notadamente o Impressionismo nas artes plásticas e a teoria do efeito estético na Literatura – parecem ter superado o problema quando apresentaram a ficção não mais como algo que careça de atributos reais. Iser (1999, p. 102) insistiu neste aspecto da ficção, propondo-a como um instrumento capaz de reorganizar a realidade, a fim de que esta se torne comunicável.

Com efeito, seja nas representações rupestres ou nas artes contemporâneas, encontramos o ser humano no labor de reorganizar o mundo, dando-lhe as cores e os contornos que a consciência sugerir, não à revelia do real, mas

comunicando alguns aspectos de sua apreensão. Assim, podemos entender perfeitamente o processo criativo, tal qual proclamado por Kandinski: *Eu vi todas as minhas cores em espírito, diante dos meus olhos. Selvagens, linhas quase loucas foram esboçadas na minha frente.*¹

Como notamos acima, a produção artística tem sido tratada como um modo privilegiado de comunicar a beleza e, com efeito, ela o é; mas o fazer artístico não pretende este monopólio, a arte aliás é o que há de mais democrático. Todo artista sabe que o belo é percebido como um evento que traz significados e reordena nossa maneira de estar no mundo e que esta experiência é única em cada sujeito. Assim, parece-nos apropriado considerar que a beleza se manifesta no mundo a partir de vários eventos, dos quais fazem parte, naturalmente, as manifestações da arte. Com efeito, qualquer linguagem artística, independente de sua natureza, deve ser entendida como uma narrativa capaz de comunicar sentidos que, de outro modo, não seriam acessíveis à nossa percepção, mas também devem sê-lo o próprio mundo com seu mistério, os sentimentos humanos e, no caso específico cristão, a liturgia e o culto que não são feitos sem a mediação de linguagens artísticas. Assim, uma reflexão estética não deveria se limitar à compreensão dos processos criativos que dão origem às diversas linguagens do belo, mas também e talvez sobretudo, ela devesse se ocupar daquilo que se constitui como fundamento destas aspirações humanas pela beleza.

As obras de arte exigem uma inteligência não racional, estes processos silenciosos operam-se na interioridade e fazem emergir sentidos. As linguagens do belo nos abrem frestas pelas quais vislumbramos muito mais do que supomos compreender. Com efeito, nossa percepção ordinariamente interroga a aparência das coisas como um signo, isto é, algo que as representa, fazendo a distinção entre um ser real e um ser percebido. Isso, no entanto, não ocorre na experiência estética, pois ela expande a aparência para tornar idêntico o ser e o aparecer, por isso se diz que o ser do objeto estético é aparecer. Em outras palavras, segundo observou Dufrenne (1972, p. 83), o objeto estético não convida o sujeito a procurar a verdade fora de si, ele mesmo a revela, de alguma maneira. Este esquema próprio da apreensão estética já aponta para o fato de que toda percepção do que seja o belo situa-se num âmbito de inten-

¹ Trata-se de anotação feita por Kandinski num de seus diários, à época em que o pintor começou a deixar a figuração e passou a cultivar os traços abstratos. Seus diários são conservados no Centro Pompidou, em Paris.

sidade diverso da percepção comum e, então, podemos falar da experiência estética como o irromper do extraordinário na trama rotineira e ordinária da existência.

2. O homem para além de si

O ser humano, também ele um evento, é capaz de experimentar-se a si mesmo como alguém que pode ir além de sua própria realidade. Esta experiência não pode ser explicada por si mesma e, exatamente por isso, o mistério permanece para todo ser humano. Esta percepção torna-se mais clara na medida em que o homem é obrigado a confrontar-se consigo e, na solidão, descobrir fundamentalmente que há mais coisas não ditas do que coisas ditas sobre si. Assim, parece-nos que, sem desconsiderar a comunicação das verdades éticas e teológicas, o homem ainda continua a ser o grande enigma e, embora ele não esteja em condições de explicar-se, é necessário mergulhar fundo no seu próprio mistério.

No caso cristão, o mistério não se refere a algo completamente inacessível e hermético, mas ele foi revelado em Cristo, aquele que adere a Cristo poderá experimentá-lo, embora esta experiência não possa esgotar a fonte de onde jorra o mistério. Deste modo, se o mistério agora se torna acessível, podemos entrever um caminho que conduza a ele e a este caminho chamamos mistagogia. Karl Rahner observou que atrás de toda teologia deve estar presente uma autêntica mistagogia, porque além de crer o homem precisa experimentar os dados da fé. A função mistagógica leva o crente a uma vida de fé intensa. Assim, na vida cotidiana, o homem que se percebe como palavra pronunciada por Deus e o percebe como o seu todo-fundante, pode dar uma resposta a esta palavra que é ele mesmo. Da experiência de admiração e de espanto que possibilita romper com o olhar acostumado, o homem passará ao cume, ao cimo da experiência mística que, conforme observa Lavall (2004, p. 33-34) em seu artigo sobre a teologia rahneriana, traduz-se na imitação do Senhor, pois é seu Espírito que ajuda o homem a pronunciar a palavra “Pai” em relação a Deus.

No entanto, mesmo aqui o mistério permanece para o homem, porque o seu todo-fundante ainda continua a ser o totalmente outro. Assim, quando falamos em mistagogia, devemos ter em mente a dinâmica pela qual experimentamos um mergulho em nós mesmos e no mistério que nos envolve. Fazemos a experiência do mistério, mas não apenas com a inteligência racional.

Tal como a compreensão de uma obra de arte, a compreensão do homem exige também outras formas de inteligência, uma abertura para o surpreendente, para o intuitivo, para o amor.

Ora, por mistagogia entendemos esta dinâmica de mergulho no mistério de nossa presença no mundo. Este mergulho só pode ser realizado quando tomamos consciência de quão profundo adentramos no mistério da existência. Por outro lado, não estamos afirmando que a mistagogia seja uma mera via de acesso ao mistério, o próprio mergulho é mistério e a beleza já se manifesta nele, é a partir dele que irrompem nas teias ordinárias da existência os pontos luminosos que dão sentido à experiência de existir.

3. O binômio fundante

Com efeito, se quisermos teologizar sobre a experiência estética, devemos lançar as bases a partir da tensão provocada pela interdependência de dois conceitos fundamentais: Estética e Mistagogia. A tensão gerada por estes dois conceitos é a base sobre a qual se assenta uma teologia da experiência estética. Ora, exatamente para promover esta intersecção é que situamos no âmbito das linguagens artísticas a possibilidade de uma estética mistagógica que considere a manifestação do belo como um caminho para o mistério. Em outras palavras, as significações teológicas podem também ser erigidas a partir da experiência da beleza.

Afirmamos esta dimensão mistagógica porque, efetivamente, ao transfigurar o mundo que nos é dado conhecer, a arte nos conduz a uma dinâmica vital que habita o âmago de todas as coisas. Assim, as linguagens artísticas guiam-nos através das realidades que conhecemos para o seio daquilo que apenas supomos, mas intuímos e sentimos com tal força que não podemos ignorar. Nesse sentido, o belo converte-se num caminho que nos conduz da desordem aos fundamentos de nossa própria experiência no mundo, mas, paradoxalmente, estes fundamentos, embora sólidos, não são fixos, mas permanentemente passíveis de atualização, tal qual num movimento sinestésico em que nada se perde. É esse imponderável que sustenta a realidade das outras coisas e as lança sempre mais para frente, para a consumação de sua vocação com símbolo de realidades que muito dificilmente podemos evocar. Toda vez que exercitamos um olhar capaz de perceber que as coisas são mais que sua aparência, entramos no território da mística ou da arte. Estas duas

linguagens parecem vir de um mesmo lugar, posto que fundamentalmente elas nos possibilitam reconhecer em todas as coisas os vestígios de uma beleza que se desdobra continuamente.

No entanto, propor esta relação não significa apenas aprofundar o comportamento de cada polo na interação, esta relação contempla também uma necessária reconciliação entre arte e espiritualidade, entre estética e mistério. Se de um lado há formas terríveis de religiosidade, que se manifestam completamente avessas às manifestações artísticas por medo à força desestabilizadora do ícone, de outro lado essa reconciliação também é necessária quando algumas poéticas prescindem do caráter espiritual do ser humano, transformando-se mais em obras publicitárias que em obras de arte, tal como ocorre com poéticas fundadas em estéticas materialistas que aniquilam o desejo pela transcendência. Os dois comportamentos derivam de um desejo fundamental de destruição e caos, o que coloca toda experiência de fanatismo, religioso ou materialista, no mesmo nível.

Se é possível falar de uma filosofia da arte no sentido de uma reflexão racional sobre o fazer artístico e as ideias que o cercam, também deverá ser perfeitamente possível propor uma mistagogia, isto é, um caminho realizável de sensibilização ao mistério, a partir das linguagens artísticas e o que elas evocam. Fundamentalmente, entendemos que há muito em comum entre a frequência de uma obra de arte e uma prece, na medida em que ambas são modos encantatórios de entrar em contato com o real. E o encantamento, longe de ser uma ilusão, é antes uma reorganização da realidade.

Estamos, pois, em face a uma abordagem prática e sensível da teologia. Assim, é preciso considerar que uma teologia da experiência estética se situa, modestamente, no âmbito das percepções que os eventos da beleza podem evocar e como estas percepções estão, de algum modo, ligadas ao mistério. Por isso, esta abordagem encontra-se ancorada nas teorias da recepção da arte. Com efeito, todo receptor de uma obra de arte encontra-se diante da necessidade de recriar sua própria experiência do belo, a partir da tensão provocada entre o que a obra sugere e suas próprias referências. Por isso, cada recepção é única, pois o signo não se esgota, mas irradia constantemente novos sentidos à consciência daquele que o apreende e o modifica.

Toda obra de arte torna-se um evento da beleza na medida em que é apreendida pelo sujeito e o conduz à construção de sentidos. Assim, toda obra traz em si mesma, como objeto estético, vestígios de uma harmonia fundante.

Abrir-se à obra como um evento é fazer uma experiência estética, mas nesta há traços de uma beleza que não vem da obra e nem do receptor, há um espaço de mistério e de silêncio, que se processa no interior de cada consciência. Será preciso ver, neste espaço, um traço de algo mais, que não é explicado pela obra e nem pelo receptor. Este traço belo e misterioso é o fundamento do evento. Como haveremos de chamá-lo? Teóricos da recepção criaram tantos raciocínios intrincados para apreender este traço misterioso, e não o aprisionaram. Será apenas a fantasia e suas modificações. No entanto, os próprios teóricos da recepção concordam que “a suposta origem do fictício e do imaginário numa disposição humana é precisamente o que escapa ao conhecimento” (ROCHA, 1999, p. 70). De fato, a fenomenologia explicou que a fantasia é arbitrária e só pode conter modificações. Como explicar então os sentidos que se tornam perenes e, não raro, balizam definitivamente a vida de uma pessoa? Aqui a experiência estética nos diz que há algo mais, algo que sentimos mas não alcançamos e isto é tudo o que sabemos quando trabalhamos a estética pura. Ficamos em silêncio e colocamos entre parênteses nossas interpretações.

No entanto, a pergunta insiste, e não podemos apenas gozar o silêncio, porque ele se torna eloquentíssimo. É este espaço de suspensão que nos abre a chave para a compreensão de uma teologia da experiência estética. Trata-se de um discurso sobre a o mistério da beleza, como atributo fundamental d’Aquele que é, a uma vez, mistério e fonte de toda harmonia.

4. O evento fundamental da beleza

Experiência estética e espiritualidade parecem se encontrar agora num ponto de intersecção, parecem falar sobre nosso chamado à transcendência. Profundamente consoladora, a arte segura o tempo para nós, nos deixa inteiros e não fragmentados. Não sem razão, podemos falar de uma mistagogia do belo, que expressa a suave tensão entre o que somos e o que ainda podemos ser quando nos deixamos sensibilizar pelo “mundo do espírito”. Então, algo extraordinário acontece: um quadro, um poema, uma música, uma dança serão, para nós, mais do que tintas, letras, sons, movimentos... No meio de nossa vida fragmentada, algo acena para mais além, quando somos atravessados pelas diversas vivências dos que partilham conosco as dores e as alegrias da experiência humana. Estar no mundo torna-se, assim, uma experiência de encontro e partilha.

Sim, até aqui falamos de modo geral sobre a beleza, o mistério e suas interações. No entanto, se o mistério se deixa mostrar também através da linguagem artística, transformando-as em eventos da beleza, no caso específico cristão, o homem se curvará diante de um evento fundamental da beleza, a encarnação. “E, maior milagre do que poder um coração dilatar-se até à medida de Deus, foi Deus ter podido restringir-se até à medida do homem. Maior milagre foi que a mentalidade do soberano, encontrasse lugar na mentalidade do servo” (VON BALTHASAR, 1959, p. 55). Assim, a descida do Verbo é o evento primordial da beleza, o infinito circunscreve-se agora no finito, o eterno irrompe no tempo e, deste evento primordial, expande-se uma tensão que afeto todo o cosmos, a arte capta este evento fundamental e o pulveriza no mundo. A partir daí, entendemos que há uma vocação universal à transcendência e à beleza. No entanto, se podemos perceber a beleza do Verbo por meio destes sinais, isso não significa que haja uma confusão do sinal, com aquilo que ele representa, ou seja, conforme a lei da semiótica, o significante não se confunde com o significado. Assim, o real não tem fragmentos desta beleza, mas dela participa, como graça única daquele que tudo criou, por meio do Verbo. Por isso, arte e espiritualidade vêm de um lugar mais alto e são percebidas como um dom, uma manifestação de algo outro que também nos habita e transfigura.

Em nossa língua, transfigurar é essencialmente mudar a figura, mudar a feição, mudar de aspecto. O movimento de transfiguração da realidade é sempre ascendente, no sentido de que eleva o ser humano e o ajuda a ressignificar sua presença no mundo. Teilhard de Chardin, ao enunciar o princípio “*tudo o que sobe converge*”, apontou este movimento ascendente de todas as realidades humanas numa esfera na qual os esforços por sermos melhores se encontram e continuam numa espiral de consumação da nossa vocação humana. E este ponto de encontro é o Verbo, linguagem da beleza por excelência. “E, ao abrir a boca diante do mundo para falar do Pai, começou também a exprimir-se a si mesmo, porque é a palavra viva: sendo ele quem falava, era, ao mesmo tempo, a linguagem” (VON BALTHASAR, 1959, p. 33).

Sim, e a beleza fluiu de seus lábios e a Escritura diz que todos se maravilharam com as palavras cheias de encanto que saíam de sua boca (Lc 4, 22). Assim, pelo mistério da encarnação estampou-se a beleza no âmago de cada ser humano, no mais profundo de tudo o que novamente vive, de tudo o que foi redimido. No entanto, ainda que preservada em sua essência, a beleza pôde

ser agredida na sua forma concreta, assim “o mais belo entre os filhos dos homens” (Sl 44, 3) tornou-se, segundo Isaías, aquele que “de tão desfigurado não tinha aparência humana” (Is 52,14). Aqui, a ausência da beleza é resultado do mal, das incompreensões, da violência. Não foi ferida, porém, a beleza interior daquele que, desfigurado, já não mais parecia ser um homem, porque será Ele quem levará sobre si nossas dores; o esplendor da beleza se mostra agora na compaixão.² É neste sentido que a conhecida expressão de Dostoievski: “*A Beleza salvará o mundo*”, ganha contornos cada vez mais místicos, porque finalmente a beleza a que se refere o autor russo não é uma mera exterioridade, mas uma força vital que pode restaurar o espírito, abrindo-o ao infinito.

5. Por uma escatologia da beleza

Mas é no tempo concreto, na sucessão das horas e dos dias que vivemos a experiência de estar aqui, com este corpo, este caráter, estas características que tão bem falam do que somos. A precariedade do mundo, no entanto, não é senão um convite para que o apreendamos na sua marcha ascendente. Ainda inquilinos de um mundo que passa e caminha silenciosamente para sua realização, tiramos os sapatos, pois nos reconhecemos em terra sagrada, onde o imponderável se mostra e se esconde, numa tensão contínua por levar todas as coisas à plenitude.

Com efeito, estamos submetidos ao tempo, às alegrias e dificuldades da vida presente, porém há em nós uma dinâmica vital que nos permite ultrapassar nossa percepção do tempo cronológico para criarmos espaços interiores. Esta experiência transforma nossa maneira de entender as categorias de tempo e espaço, uma vez que já não se trata daquilo que podemos medir e contar, passamos a sentir o mundo de outra maneira, o que nos permite construir novos sentidos, sem perder o que conquistamos. Ora, as vivências que antecederam a construção de um novo sentido não são desconsideradas, mas antes ressignificadas e integradas. É assim que os sentidos negados retornam à consciência num movimento dialético de conciliação de experiências e entendimentos sobre nós mesmo e o mundo.

Abre-se assim, no tempo, outra dimensão que não está descolada da realidade, depende dela, embora a ultrapasse, transcenda e ressignifique. Toda

² Ideia admiravelmente desenvolvida por Agostinho, no comentário da Primeira Carta de São João.

expressão artística é um clamor pela humanização e transfiguração do mundo, também o é a espiritualidade em sua missão de elevar a natureza humana. O ser humano sensível a esta força pode olhar o mundo iluminado pela sua própria luz interior. Por isso, Balthasar nos lembra que “desde os tempos mais antigos se chama pobre e necessitado ao amor dos homens – necessitado de beleza, a fim de, ébrio e cego, engendrar na beleza um amor” (VON BALTHASAR, 1959, p. 36). Ainda que nos sintamos incapazes frente a tantos contratempos, seremos ao menos capazes de conferir sentido a tudo, mesmo ao sofrimento.

Conclusão

Eis-nos, pois, diante de alguns desafios. Não são poucos os artistas contemporâneos que se chocam com a discussão sobre os aspectos transcendentais da beleza. No entanto, o que deveria chocar é o fato de a arte, embora inútil, porque não passível de instrumentalização, ser considerada em muitos ambientes como a antítese da elevação do homem. Daí decorre o fato de que somos obrigados a continuar suportando as discussões cheias de vaidade dos que despiram a arte do sublime e nos empurraram um simulacro. A arte que choca, que causa repulsa e aversão deveria receber qualquer outro nome, menos este. De tal modo a beleza foi aviltado no último século que se faz urgente uma reconciliação entre arte e espiritualidade.

Não existindo um único modo de captar a beleza, a produção artística não detém o monopólio da experiência estética, uma vez que esta se define pela capacidade de erigir significados e reordenar nossa maneira de experimentar o mundo. Com efeito, qualquer manifestação artística, seja de que natureza for, deve ser entendida como uma narrativa capaz de comunicar sentidos que, de outro modo, não seriam acessíveis à nossa percepção, mas também devem sê-lo o próprio mundo com seu mistério, os sentimentos humanos e, no caso específico, cristão, a liturgia e o culto que coexistem em perfeita harmonia com as linguagens artísticas, como a música, a poesia, a escultura, a iconografia, entre outros.

Uma teologia da experiência estética só é possível a partir da tensão reflexiva causada pelo contato de dois conceitos fundamentais: estética e mistagogia. Sem que um conceito se sobreponha ao outro, mas numa relação de interdependência, entendemos que é possível apontar para compreensões que, de outro modo, seriam impenetráveis em nossa consciência. Com efeito, não estamos falando de uma mistagogia que vise à estética, o que seria o mesmo

que visar a uma beleza vaga e imprecisa, apenas exterior e ligada às formas, à matéria e à plasticidade a que está sujeita. Não! A mistagogia já traz em si a beleza do mistério que se desdobra. Como penetração no mistério, a mistagogia mira para além das formas exteriores e só falamos em estética mistagógica porque não podemos esvaziar o conteúdo místico manifestado na experiência estética. Assim, ao tomarmos o conceito de mistagogia, queremos nos referir ao caminho realizável de uma profunda experiência de Deus e dar conta do aspecto mais concreto e vivencial da fé.

Uma estética mistagógica nos conduz de volta para casa, para a interioridade, para aquela beleza que se manifesta no esplendor da harmonia, na ordem interna do nosso ser, na verdade e na bondade que nos habitam. Uma teologia da experiência estética supõe que as reflexões sobre o belo e sobre as linguagens artísticas como catalizadoras da beleza sejam feitas de maneira a perceber os caminhos que nos conduzem para um espaço interior, pleno de sentidos e possibilidades. Assim, não somos mais conduzidos ao mistério de uma beleza inatingível, não porque possamos tocá-la agora, mas porque somos tocados por ela, pela fonte de toda beleza.

Referências

- DUFRENNE, MiKel. *Estética e Filosofia*. Tradução: Roberto Figurelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. (Coleção Debates, 69).
- ISER, Wolfgang. *O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, 2v.
- LAVALL, Luciano Campos. A afirmação de “Deus Pai” na teologia rahneriana. In: _____. *Karl Rahner em perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 27-47.
- PLATÃO. *A República*. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Escala educacional, 2006, 2v.
- ROCHA, João César de Castro (org.). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Tradução: João C. de Castro e Bluma W. Vilar. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- VON BALTHASAR, Hans Urs. *O coração do mundo*. Tradução: Madalena de Castro. Porto: Tavares Martins, 1959.

Artigo recebido em 4 de novembro de 2016
e aprovado para publicação em 29 de novembro de 2016